



UNICAMP

P24.76

EVENTO: O BRASIL EM LYON

VEÍCULO: JORNAL DO BRASIL

DATA: 05/03/95

PÁGINA:

SEÇÃO: CADERNO B



CDMC
BrasilUnicamp

O Brasil em Lyon

País é a atração do mais completo painel de dança do mundo

NAYSE LÓPEZ

SE em 1994 os brasileiros conseguiram acompanhar um bom panorama da dança internacional, através da vinda ao país de grandes companhias, em 1996 o mundo vai ver a dança brasileira. A 7ª Bienal de Dança de Lyon, na França, maior evento da área na atualidade, com um custo superior a US\$ 3 milhões, homenageará o Brasil. Em setembro do ano que vem, grupos de todo o país mostrarão o contemporâneo e o tradicional nas duas semanas do festival, acostumado a receber as companhias mais conceituadas dos quatro cantos do mundo. O grupo Corpo participou, ao lado do Ballet Folclórico da Bahia, da última edição, que teve como tema a herança africana. O jornalista e crítico de dança francês Guy Darnet, 45 anos, criador e presidente da Bienal, esteve no Brasil semana passada e ficou maravilhado. Para ele, a dança no Brasil encontra-se num momento especial, bastando apenas apoio financeiro para *decolar* de vez. A prova, diz o crítico, é que há brasileiros contratados pelas maiores companhias do mundo. Ele destaca também o exemplo do Corpo, grupo que já alcançou nível internacional.



Evandro Teixeira

Companhias e dançarinos brasileiros que atuam no país e no exterior, como Ismael Ivo (acima) estarão no festival dirigido por Guy Darnet (à esquerda)

Do frevo à vanguarda

GUY Darnet, que há 15 anos dirige o teatro Maison de la Dance, em Lyon, sua cidade natal, ainda está escolhendo os grupos que levará para a França. Mas já confirmou a presença do Corpo, com um espetáculo inédito, e do Ballet Folclórico da Bahia, além da paulista Lia Rodrigues, que vai mostrar *Ma* e o ainda inédito *Folia*. Dos brasileiros em atividade na Europa, participarão Ismael Ivo (atualmente em Stuttgart), Denise Namura (que trabalha em Paris) e Beбето Cidra (radicado em Barcelona). No total, serão cerca de 40 companhias, em 15 teatros. "O reco-

nhecimento da dança brasileira no exterior é fundamental para que empresários e governo acordem. Lá fora o Brasil é um mito, basta anunciar que o público aparece. Mas não quero usar o clichê, porque de garota de Ipanema já estamos cheios. Quero mostrar as tradições brasileiras de rua e o trabalho das companhias", explica Darnet.

A Bienal incluirá eventos paralelos, como uma mostra de fotografias de Pierre Verger, outra de vídeos e espetáculos de rua. Para tentar recriar o clima brasileiro, Darnet vai levar uma escola de samba e o professor-dançarino Carlinhos de Jesus, além de um trio elétrico e até baianas com barracas de acarajé. Sem esquecer o frevo e o bumba-meu-boi. "Não é possível fazer lá o maior espetáculo da Terra, o carnaval, mas queremos mostrar a coisa natural

que é a dança nas ruas do país", diz.

O crítico evita apontar as companhias que vê como as melhores do mundo. Mas garante gostar de vários tipos de espetáculo: "Fiquei comovido ao assistir à estréia mundial, no último festival, do espetáculo de Bill T. Jones, que é portador do vírus da Aids, assim como me toca o mestre Merce Cunningham entrando de bengala no palco. Ou ainda ver uma criança sambando atrás de um trio elétrico na Bahia."

Guy Darnet pretende fechar um acordo com o Teatro Municipal do Rio para trazer grupos franceses ao Brasil. "Queremos criar pontes e intercâmbios. A dança brasileira só precisa respirar mais e ter mais apoio para se tornar uma das melhores do mundo", acrescenta.

